



Cem mil euros para socorrer minorias. 'Não tinha nem batatas!'

Gulbenkian e Alto Comissariado para as Migrações criaram fundo dividido por 42 associações. Imigrantes, refugiados e portugueses de etnia cigana recebem alimentos, medicamentos ou máscaras

Reportagem

Ana Cristina Pereira texto
Paulo Pimenta fotografia

Impossibilitado de andar por aí, a vender, de porta em porta, Gabriel Soares viu-se tão aflito para pôr comida na mesa que pediu à filha que escrevesse uma SMS ao presidente da Câmara de Ovar, Salvador Malheiro. Estava fechado dentro de casa, com a mulher e os três filhos menores e uma insuficiência respiratória, assustadíssimo com a possibilidade de contrair o novo coronavírus. "Não tinha nem batatas!"

A ajuda foi chegando. A autarquia deu-lhe um apoio de emergência, como a outras perto de duas mil famílias carenciadas. A Protecção Civil distribuiu máscaras descartáveis. Vieram as prestações sociais. E na terça-feira, um apoio pontual: uma máscara e um vale de 20 euros em compras entregue pelo vice-presidente da Associação Letras Nómadas, Bruno Gonçalves.

A Fundação Calouste Gulbenkian criou um fundo de 5,75 milhões de euros, a distribuir pelas áreas da saúde, da ciência, da educação, da cultura e da sociedade civil. Esta última engloba um reforço da capacidade de resposta dos bancos alimentares e uma ajuda às instituições de solidariedade que trabalham com idosos (em parceria com o Instituto de Segurança Social) e às associações que trabalham com ciganos, imigrantes e refugiados – em parceria com o Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Resulta de um pedido do ACM, que fez um levantamento de carências junto das associações. Uma verba de cem mil euros (75 da Gulbenkian e 25 do ACM) está a ser repartida por 42 entidades de Norte a Sul do país, que esta semana começaram a fazer chegar alguns bens essenciais a mais de 17 mil pessoas.

"Isto é para situações de emergência", resume Pedro Calado, antigo alto comissário, agora no conselho de administração da Gulbenkian. "Não temos atravessado muitas situações semelhantes a esta. Talvez a situação dos fogos tenha sido a mais próxima." "Acho muito nobre da parte destas entidades", comenta Bruno Gonçalves. Mal o país se fechou, a Letras Nómadas e outras organizações ciganas trataram de angariar fundos para socorrer famílias, de repente, privadas dos ganhos da venda ambulante e outros trabalhos precários. Bateram à porta de outras. "Os contactos foram sempre pautados por desconfiança e preconceito. Há entidades que têm o monopólio do combate à fome, mas não chegam a todos os grupos."

Aquela associação comprometeu-se a fazer chegar uma pequena ajuda a famílias ciganas de Viseu, Ovar, Figueira da Foz, Leiria e Moura. E começou a fazê-lo na terça-feira, apoiada por facilitadores locais, como o pastor Jaime, da Igreja Evangélica Cristo Para Todos.

No Bairro da Marinha, o pastor ia dizendo os nomes que escrevera a caneta azul num caderno de linhas. E essa pessoa ia receber uma máscara de pano, um vale de compras no valor de 20 euros ou um saco de plástico recheado de alimentos não perecíveis e um frango. Outras máscaras não-de chegar.

Tudo começou em 1984, com um casal e os seus filhos. A autarquia pediu-lhes que saíssem das barracas que tinham levantado em São João de Ovar, para que lá se fizesse um centro paroquial. E construiu uma habitação para o casal e outra para cada um dos oito filhos, térrea, quase sem divisões por dentro. Os filhos tiveram filhos. E para cada nova família que se foi



No Bairro da Marinha, moradores receberam uma máscara de pano, um vale de compras de 20 euros ou um sa



formando se foi construindo uma barraca. Até haver 31 – degradadas, sobrelotadas, com cobertura de amianto.

Tudo parece mais ameaçador numa pandemia. Ninguém expressa tanto receio como Gabriel Soares. "Tive gripe A. Faço oxigénio há 11 anos. Durmo ligado a

uma máquina. Não tenho defesas. Os meus filhos não saíam de casa! Nem a casa do meu pai iam, nem a casa de meus irmãos, nada! Fecho-os todos aqui. Banho todos os dias. Não queria aqui ninguém. Se eu apanhasse o vírus, para mim era uma bomba. Só agora é que estamos a sair. A minha mãe teve

um problema e abri. Mesmo assim tenho medo. Tenho muito medo. Morreu muita gente."

O vírus entrou no bairro. Ovar chegou a ter um cerco sanitário. Contou 716 pessoas infectadas. Morreram 40. E moram ali duas das pessoas que desenvolveram a doença e se livraram dela. Uma cumpriu a ordem de isolamento em casa, mas outra teve de ir para a pousada de juventude, já que se ali se mantivesse teria de partilhar casa de banho.

Salvador Malheiro saúda o seu "comportamento exemplar". E lembra que a câmara está a terminar um projecto de requalificação para ali. Algumas famílias deverão ser transferidas para um prédio de 50 fogos que comprou inacabado e tem de acabar. "Não é só para as nossas famílias de etnia cigana, mas algumas terão essa possibilidade. Vamos dar primazia às que apresentam maiores carências."



co de plástico com alimentos

Até lá, é aguentar.

Não seria fácil, como diz Armando Soares. “Nós aqui, é vender. No meu caso, toalhas de mesas, cortinados. Esse pouquinho dava. Com esta pandemia, foi gastar o ganho que tínhamos. Acabou. Foi tudo. ‘Ó pai dá-me isto.’ ‘Ó pai, dá-me aquilo.’ São filhos. O que é que eu ia dizer?” Não é de prever que tudo melhora de repente, com a abertura dos mercados e das feiras. A clientela, se já era pobre antes da pandemia, mais pobre estará.

A inquietação também ressoa noutra núcleo, ali perto, em Vãlega. E não se esgota no negócio morto. “O meu filho de 15 anda no 8.º ano e o de 9 anos no 4.º. Andam a fazer umas fichas em casa, mas é uma coisa básica”, começa por dizer Nelson Montoia. Assistem à telescola, mas falham às aulas síncronas. “Eles querem, mas não têm computador.” O mesmo acontece com os filhos do primo:

uma rapariga de 11 anos, no 5.º ano, e um rapaz de 16, no 9.º. “Na escola é outra coisa. Eles têm aquela atenção dos professores. Aqui... A gente quer ajudar um filho... A gente tenta, a gente tenta ensinar pelos livros, mas é complicado. Há lá matérias que não sei. Uma nunca aprendi e outras já esqueci.” Não foi além do 6.º ano.

Bruno Gonçalves confiava ouvir lamentos semelhantes à medida que fosse descendo para sul. Seleccionaram 370 famílias, decididos a entregar vales de 30 euros a cada uma. Os pedidos são tantos que, para chegar a mais gente, diminuíram o valor para 20 ou 25 euros.

A comunicação de aumento de pedidos é feita por outras organizações que apoiam estes grupos – mais vulneráveis a qualquer crise económica. Na Associação de Promotores de Saúde, Ambiente e Desenvolvimento Sócio Cultural, que trabalha entre Lisboa e Loures, por exemplo, os pedidos dispararam. “Temos um acordo com o Banco Alimentar para 59 famílias. Terça-feira, fui actualizar a lista. Temos 138”, diz o presidente, Cristiano Pinto. Há quem não consiga comprar medicamentos. Alguns vieram de São Tomé e Príncipe ou da Guiné-Bissau de propósito para se tratarem. “Com este apoio que recebemos, vamos poder dar um apoio directo em medicamentos.”

A Associação Lusofonia Cultura e Cidadania, que já prestava apoio alimentar a imigrantes de diversas partes do mundo e a portugueses de etnia cigana na área de Lisboa, também sentiu uma espécie de explosão. “Num fim-de-semana de Abril, recebemos 198 pedidos”, salienta a coordenadora, Nilzete Pacheco. São pessoas que perderam o trabalho, estão no *layoff* ou que viram diminuir o número de horas de trabalho. Na véspera, ligara-lhe uma pessoa numa grande aflição. “Não tinha pasta de dentes. Não tinha detergente de louça. Não tinha detergente de roupa. Ela dizia: ‘Não sei o que faço. Não tenho dinheiro nem para comparar sabão azul e branco.’”

acpereira@publico.pt

Desde 8 de Maio que não havia tantos novos casos

Portugal registou ontem mais 11 mortes por covid-19, uma subida de 0,76% em 24 horas, e 1447 vítimas no total. Existiam ainda 366 novos casos confirmados de infeção, o equivalente a um crescimento de 1,1%, e um total de 33.261 casos confirmados em todo o país. A região que concentrava o maior número de novos casos positivos é a de Lisboa, com 335 novos casos identificados nas últimas 24 horas — 92% do total de novos casos. Em termos cumulativos, a região da capital somava 11.828 casos desde o início de Março. Os dados foram disponibilizados ontem pela Direcção-Geral da Saúde.

Este é a maior taxa de crescimento registada desde 29 de Maio e o maior número de novos casos identificados em 24 horas desde o dia 8 de Maio (quando foram detectados 553 novos casos). A directora-geral da Saúde já tinha avisado que este número poderia aumentar devido ao aumento da testagem, em particular em algumas empresas da região de Lisboa e Vale do Tejo. “Foram feitas mais de 3800 colheitas, 2800 feitas pelo INEM e mil pela ARS LVT. Do universo de 18.100 trabalhadores, cerca de seis mil” fizeram testes ontem, explicou o secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales. Contavam-se ainda 20.079 pessoas recuperadas, mais 207 do que na terça-feira. De acordo com os dados avançados, existiam 428 pessoas internadas, das quais 56 estavam em unidades de cuidados intensivos, continuando a “trajectória descendente” do número de pessoas internadas em Portugal, caracterizou o governante.

Desafios de um vírus viajante



Opinião Helena Roseta

O novo coronavírus viaja, por isso é fundamental saber com rapidez e precisão por onde ele anda. É uma das razões pelas quais os recentes surtos na região de Lisboa não podem ser debelados apenas com mais testagem. O teste é uma fotografia, válida no momento, mas não conta uma história e nada nos diz sobre o futuro. É útil, mas não chega.

Soube que está a ser desenvolvido em Porto Alegre, com tecnologias de comunicação e inteligência artificial, um modelo em quatro dimensões que mostra em tempo real a evolução da pandemia. O modelo é de adesão voluntária. Desconheço ferramentas destas em Portugal, mas sei que o seu uso tem sido imposto em países asiáticos. Creio, no entanto, que a alternativa, hoje, não é só entre regimes autoritários ou regimes democráticos. É entre conhecimento com respeito pela cidadania, que não existe na China, e obscurantismo com regressão civilizacional, que está a explodir dramaticamente nos EUA e no Brasil.

Por enquanto, sabem-me a pouco as medidas postas em prática na Grande Lisboa para fazer frente aos novos surtos. Não se iludam. O problema não é só do comportamento de (alguns) jovens. O problema é que o choque do coronavírus não é simétrico. Em Lisboa, nas primeiras semanas da crise, o contágio afectou sobretudo freguesias com uma população afluyente que viajou nas férias de Carnaval. Com o estado de emergência e uma inteligente actuação da saúde pública, foi possível “achatar” a curva. Mais contraditória e difícil de gerir tem sido a retoma da actividade económica, social e cultural. Os casos começaram a subir em áreas

com população mais pobre.

Economia e saúde pública não são antinómicas, mas só teremos uma retoma económica saudável se forem combatidas desigualdades estruturais: no acesso ao emprego com salário justo, nas condições habitacionais, na educação, no apoio aos mais novos e aos mais velhos, no combate às discriminações, no desenvolvimento científico, cultural e artístico, na protecção ambiental.

O plano de estabilização anunciado pelo Governo não pode ser apenas económico, tem de ter uma componente social forte. E não basta ouvir os parceiros sociais. Há largos sectores da sociedade portuguesa que não estão representados na chamada concertação social. Há medidas de fundo na área da habitação e da cultura que urgem.

Identificámos problemas graves nos lares de idosos e no aumento do desemprego. Não é altura de criarmos um forte sector empregador na área dos cuidados, valorizando qualificações, salários e instalações de apoio? Ou vamos continuar a forma como lidamos com a velhice, um feito demográfico extraordinário que afinal tratamos como se fosse um fardo social? Também sabemos que o “distanciamento social” é para manter (menos nos aviões, por escandalosa cedência europeia às companhias de aviação), mas como garanti-lo nos transportes públicos sem horários desfasados? Andamos a fechar cafés nos bairros pobres e culpamos os jovens, mas porque não demos já a máxima prioridade à retoma de actividades desportivas e criativas, tão importantes para essa faixa etária?

Podia continuar a exemplificar, mas o essencial é que a saída da pandemia seja um caminho rico de oportunidades e não uma porta aberta às desigualdades do costume. Não faltarão grandes resistências contra este caminho novo, mas este é o momento de o exigir.

Arquitecta



Edição Lisboa • Ano XXXI • n.º 10.998 • 1,30€ • Quinta-feira, 4 de Junho de 2020 • Director: Manuel Carvalho Adjuntos: Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro Directora de Arte: Sónia Matos



Público

Dominic Cummings
O estratega indispensável para Boris Johnson

Mundo, 26/27



Hidroxicloroquina
OMS retoma ensaios clínicos. Estudo que levou países a suspendê-los posto em causa

Ciência, 28/29

Cinema
Os filmes que o Festival de Cannes queria mostrar terão um "selo" especial

Cultura, 30

Governo cria abono de família extra a pagar em Setembro

Vão ser criados dois novos apoios, a pagar em Agosto e Setembro. Trabalhadores com salário até 1270 euros que sofreram cortes de um terço vão receber complemento que pode ir até 351 euros **Destaque, 2 a 4**



Regresso do futebol
FC Porto deu-se mal com o desconfinamento

p37/38

ADRIANO MIRANDA

“Voltou a haver barracas em Lisboa”, diz Isabel Jonet

Presidente do Banco Alimentar deixa alerta sobre exclusão e habitação **p16/17**



A principal fronteira ferroviária fecha em Agosto

Troço de Vilar Formoso até Salamanca vai ser alvo de obras de electrificação **p22**

EUA: secretário da Defesa contra envio de tropas para as ruas

Mark Esper surpreende e critica a ameaça de Trump de accionar Exército **p24/25**

Desde 8 de Maio que não havia tantos novos casos de covid-19

Ontem foram reportados 366 novos infectados, a maioria na região de Lisboa **p14/15**

ISSN 0872-1548